

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A QUEDA DAS DITADURAS E A EMERGÊNCIA DOS CINEMAS NOVOS NA GRÉCIA E
EM ESPANHA
17 e 20 de abril de 2026

PROSOPO ME PROSOPO / 1966
(“Face a Face”)

Um filme de Roviros Manthoulis

Realização, Produção: Roviros Manthoulis / Argumento: Roviros Manthoulis, Kostas Mourselas / Direção de Fotografia: Stamatís Trypos / Montagem: Panos Papakyriakopoulos / Direção Artística: Yannis Migadis / Música: Nikos Mamangakis / Interpretações: Costas Messaris (Dimitris Emmanouíl), Eleni Stavropoulou (Varvara), Theano Ioannidou (A Mãe), Labros Kotsiris (O Pai), Alexis Georgiou, Mary Gotsi (A Empregada), Simon Hinkly (Noivo), Eftihia Partheniadou, Paris Pappis (Armador), Zozo Papadimitriou / Cópia: DCP, a preto-e-branco, falado em grego com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / Duração: 85 minutos / Estreia Mundial: 26 de setembro de 1966, Festival Internacional de Cinema de Tessalónica / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

Sessão de dia 17 com apresentação por Maria Komninos (Tainiothiki Tis Ellados / Greek Film Archive).

Sexo, *rock n' rol* e aulas de inglês. Roviros Manthoulis transforma a luta de classes num ato de devoração: de uma família da alta burguesia face-a-face com um pobre universitário que ganha uns cobses a dar aulas particulares de língua inglesa. A primeira exercendo uma pressão desmesurada sobre o segundo, mas esta é menos uma forma de exploração laboral do que uma de natureza carnal. Tanto a filha, sua aluna, como a mãe, que tantas vezes interrompe (e vigia) a lição, fazem do pobre rapaz uma espécie de alvo sexual. O melancólico explicador acaba por ceder ao delírio, alucinando com uma relação alternada, ora com mãe, ora com filha (e há ainda a empregada na casa, que também se imiscui neste xadrez algo salaz).

Como um último fogacho de irreverência e resistência antes da instauração da ditadura da junta militar, **Prosopo me prosopo** deu, desse modo, o pontapé de saída ao Novo Cinema Grego, movimento composto por cineastas, jornalistas, académicos e escritores, liderado por um nome maior do cinema desse país, Theo Angelopoulos, mas em que se destacaram outros cineastas menos conhecidos do público português, tais como Frida Liappa, Thanassis Rentzis e Alexis Damianos. Como tantos “compagnons de route”, o realizador de **Prosopo me prosopo**, Roviros Manthoulis, viu-se obrigado a emigrar para escapar à repressão e censura ditada pelo regime ditatorial “dos generais”.

De facto, **Prosopo me prosopo** é uma sátira, politicamente incómoda para um regime dominado por uma ideologia burguesa e militar, que tanto vai beber a Luis Buñuel quanto às novas vagas, a francesa, a polaca e, acima de tudo, a checa, apresentando-se, de maneira nítida, na esteira de obras sexuais e engajadas do período, tais como **Lásky jedné plavovlásky / Os Amores de Uma Loira** (1965) de Milos Forman ou **Sedmikrásky / Jovens e Atrevidas** (1966) de Vera Chytilová. História de uma relação atormentada vista sob um ângulo explosivamente erótico, numa espécie de reação (propositadamente) histriónica ao *Zeitgeist*. Porque “lá fora” (leia-se, fora da casa burguesa onde o protagonista procura ganhar o seu) manifestações populares tomam conta das ruas – estamos na véspera do Golpe de Estado dos Generais, que, até 1974, substituiu a democracia por uma ditadura.

Maria Komninos, diretora do Greek Film Archive e autora do programa grego deste ciclo itinerante, que depois de ter passado por Espanha e pela Grécia, chega agora a Portugal, explica a importância

deste filme nos seguintes termos, numa entrevista concedida para efeitos de redação desta Folha de Sala: “**Prosopo me prosopo**, embora tenha sido produzido antes da ditadura, pode ser considerado a primeira longa-metragem do Novo Cinema Grego, pois conseguiu captar, num estilo *à la* Godard, o conflito subjacente entre as classes sociais. Atenas estava a transformar-se numa metrópole e os símbolos do modernismo e da nova sociedade de consumo contrastam com a melancolia do protagonista.” Acrescenta Komninos: “A urbanização do pós-guerra e os seus descontentamentos também podem ser observados no cinema português, no inovador filme de Paulo Rocha, **Os Verdes Anos** (1963).”

Se, por um lado, o retrato de uma cidade em rápida modernização e outrossim do protagonista acochado nos podem remeter para **Os Verdes Anos** de Paulo Rocha, **Prosopo me prosopo** é, por outro lado, embalado por um sentimento de “fim de festa” ou mesmo “fim de linha” próprio de outra obra portuguesa, o bem mais tardio **Os Brandos Costumes** (1975) de Alberto Seixas Santos. Alguma crítica convoca também **The Graduate** (1967) de Mike Nichols, ainda que o filme de Roviros Manthoulis, obrigado a abandonar o país pouco tempo depois de lançar esta sua terceira longa-metragem (chegou a ser premiada em festivais de cinema, tanto em Atenas como em Tessalónica, mas acabou censurado pela junta), seja muito mais vincadamente sobre a interiorização de um estado político e afetivo do país do que acerca das dores de crescimento de uma personagem em transição para a idade adulta. No entanto, como o filme de Nichols, há qualquer coisa da revolução interior do protagonista de **Prosopo me prosopo** que lembra o despertar da personagem interpretada por Dustin Hoffman, também ele partido entre mãe e filha, e mergulhado num *ennui* semelhante (ensombrado por uma iminente e inevitável chamada para o Vietname?), que indica uma ausência de horizontes na sua vida. Por isso, que se dane! É deixar-se levar pelo hedonismo dos corpos, mesmo que momentaneamente, antes que tudo ou quase tudo entre em colapso.

Apesar ou por causa de tudo isto, **Prosopo me prosopo** é uma obra enérgica e jovial produzida *in extremis*, como que na ombreira de um “momento decisivo” da história de um país, exaltando as liberdades prometidas pela língua – e pela música – inglesa e a explosão da cultura popular por todo o lado (os concertos de *rock*, os gira-discos, o James Bond, os *bikinis* e as minissaias). Toda esta liberdade era prometida, mas já se poderá sentir aqui, na figura do jovem prostrado e confuso, que tudo poderá não passar de uma miragem (que, por isso, esta juventude já “dança sobre o precipício”). O regime seguinte ficou conhecido por uma violenta repressão social e cultural, remetendo todo um povo para uma certa brandura dos costumes. Nessa altura, quando as liberdades sufocavam às mãos dos militares, Manthoulis estava já instalado em Paris iniciando uma carreira prolífica, sobretudo no campo da televisão, que o levou aos quatro cantos do mundo. Em 2002, regressou à Grécia e à longa-metragem de ficção para, em grande medida, contar a sua própria história pessoal pós-**Prosopo me prosopo**: **Lilly’s Story** era baseado numa ideia da grande atriz grega Melina Mercouri (outra exilada do regime), mas também contava a história de Robert Manthoulis (o seu primeiro nome, Roviros, ganhou a grafia internacional do inglês, Robert), um cineasta que, por força do golpe militar, se transformou num homem dos sete instrumentos, de e para todo o mundo.

Luís Mendonça